

Bienal IV

01 a 31 de outubro de 2019



MUSEU DO PIAUÍ

IV Bienal do Sertão de Artes Visuais

01 a 31 de out
MUSEU DO PIAUÍ



Jussara Marangoni, 2019.

Visitação: Terça à Sexta de 08h às 17:30h,
aos sábados e domingos de 08h às 12h.
End: Praça Marc. Deodoro da Fonseca, Centro. Teresina – PI
Agendamentos: (86) 999814838

Instituição convidada:



Realização:



WWW.BIENALDOSERTAO.WIXSITE.COM

Apoio:

CULTURA
Secretaria de Estado da
Cultura do Piauí / SECULT



Copyright © Bienal do Sertão de Artes Visuais

**4ª Edição. Teresina – PI
01 a 31 de outubro de 2019
Museu do Piauí**

Org. e Curadoria: Denilson Conceição Santana
Montagem: Equipe Bienal do Sertão de Artes Visuais
Instituição Convidada: Museu do Piauí

Artistas:

Alex Melo - DF

Anais Karenin - RJ

Audrian Cassanelli - SC

Avelar Amorim - PI

Bia Monteiro - RJ

Bravo - CL

Carlos França - PB

Coletivo Huma - CE

Cristiane Mohallem - SP

Edilson Parra - PB

Elias Rodrigues de Oliveira - PE

Erly Emílio Almanza Torres - PER

Grão: Gabriela Sá e Ícaro Moreno - MG

Higo Joseph - CE

Isabella Beneduci Assad - SP

Ísis - BA

Jussara Marangoni - RJ

Leandro Peregre - GO

Lidhia SemH - PI

Lynn Court - RJ

Luiz Barroso - PB

Mariana Araújo Silva - RJ

Marina Woisky - SP

Natalie Mirêdia - ES

Pedro Vidal - PI

Raphael Sagarra (Finok) - SP

Roberval Borges - PI

TANGERINA BRUNO - SP

Agradecimentos:

Dora Medeiros (Diretora do Museu do Piauí)

Elaini Pacheco (Professora do Educativo do Museu)

Dep. Fábio Núñez Novo

Bid Lima, Secretaria de Estado de Cultura do Piauí - SECULT

SECULT - PI

O Museu do Piauí – Casa de Odilon Nunes preserva um dos nossos maiores patrimônios: a história e a memória do nosso Estado. É no museu que a nossa história pode ser recontada e vista de perto, através do seu acervo, preservado e distribuído numa espécie de linha do tempo. É também no museu que recebemos artistas de todos os cantos, que tem a oportunidade de mostrar seus trabalhos através das exposições, de fotografias, de pintura, de esculturas e tantas outras manifestações artísticas.

Entre 1 e 31 de outubro, o nosso Museu vai abrir as portas para a IV Bienal do Sertão, que traz para o Piauí obras de 29 artistas. A Bienal, que tem o objetivo de promover o desenvolvimento artístico e cultural no Sertão, recebeu quase 500 inscrições, de artistas de vários lugares do Brasil e do mundo. Além de apresentar essa diversidade cultural aos visitantes, a Bienal também promove rodas de conversas e provoca esse olhar para o que vem sendo produzido com foco no Sertão.

Entre os artistas selecionados para essa edição, temos os piauienses Avelar Amorim, Lidhia SemH, Mônica Barbosa, Pedro Vidal e Roberval Borges. É uma satisfação para nossa cidade e para o nosso Museu do Piauí receber a Bienal do Sertão. Juntos, podemos fazer bem mais para melhorar o acesso à arte e à cultura na nossa cidade e no Piauí.

Bid Lima
Secretária Estadual de Cultura

MUSEU DO PIAUÍ

É com imensa satisfação que o Museu do Piauí recebe o convite para sediar a IV Bienal do Sertão. Uma oportunidade imperdível de proporcionar esse intercâmbio cultural entre artistas e destes, com o público em geral.

A diversidade de linguagens (audiovisual, fotografia, pintura, dentre outras) presente na IV Bienal do Sertão é fonte de reflexão do homem expressando seu modo de intervir no meio em que vive. Em tempos em que a cultura brasileira sofre ataques em várias frentes objetivando seu silenciamento é necessário e urgente oportunizar espaços para o diálogo, para questionamentos e proposições. E, nesse sentido, o Museu do Piauí, conjuntamente com outras esferas da cultura insere-se no itinerário das vozes que desejam ecoar para além das fronteiras do conformismo e de uma visão de mundo reducionista.

A IV Bienal do Sertão nos presenteia e está apta às co-criações por meio das relações possíveis de serem estabelecidas. A partir dessa proposição comunicacional o Museu do Piauí abraça uma de suas missões em construção constante com a comunidade.

Dora Medeiros (Diretora do Museu do Piauí)
Elaini Pacheco (Professora do Educativo do Museu)

Bienal IV, Teresina

Eis que chegamos a mais uma edição da Bienal do Sertão de Artes Visuais, bienal que começou com o desejo simples e objetivo de se estabelecer como estratégia de historização e de visibilização, sendo o principal e mais importante evento das artes plásticas/visuais na região do sertão brasileiro hoje, fato esse em que se tem alcançado a virtude de se firmar como duradouro e promissor no cenário das artes em nosso país.

Almejando uma plataforma de divulgação da produção artística contemporânea, de formação de novos públicos e de intercâmbios de artistas e obras na/da/para a região do sertão, segue seu caminho atento às vozes de artistas consagrados, renomados e de novos talentos recém chegados, assim contribuindo de forma efetiva na discussão e problemática da vivência do homem no sertão e de suas peculiaridades, abarcando ativismos, criatividade, formação e natureza desfronteiriça, sob todas as perspectivas possíveis.

Para esta exposição, foram mais de 4.000 obras analisadas, sendo 453 inscrições de todas as partes do mundo, trabalho que foi instigado pelas diferentes linguagens, técnicas e filosofias concernentes a cada artista insurgido. Desta forma, os 29 artistas que ora apresentamos perfazem a companhia de se identificar em algum momento por suas raízes de pensamento, ou por sua natureza de pesquisa que alude ao habitat sertanejo ou mais ainda à sua existência fora dos limites geográficos e identitários. Assim, nessa junção de obras e artistas de várias localidades do sertão, do Brasil e de nações diferentes, permite-se a ampliação de seu 'espaço físico', de trocas simbólicas entre o sertão e seu estado global, fortalecendo assim seu campo de atuação e visão.

Pela primeira vez na história da bienal primamos em oferecer o Museu do Piauí – Casa de Odilon Nunes como núcleo contemporâneo e histórico, pelo seu acervo antropológico e cultural do homem na região do sertão brasileiro e de sua importância na formação, amplitude e de patrimônio educativo.

As diretrizes da Bienal nesta brava edição em Teresina em seus 30 dias de exposição continuam com a interação de obras e artistas, monitorias, rodas de conversa, entrevistas, visitas, etc, e tudo que for necessário ao seu fortalecimento como entidade parceira na reflexão e valorização do homem contemporâneo a partir desta área tão imponente e forte que é o sertão brasileiro.

Uma ótima bienal a todos.

Denilson Conceição Santana
Curador



ARTISTAS

Alex Melo

Nascido em Brasília-DF e 'crescido' no Ceará, onde residiu na cidade de Poranga, posteriormente em Sobral e, atualmente, Tianguá. Apaixonado pelas paisagens, cultura e história do povo nordestino - de onde busca referências e inspiração para seus trabalhos. Há mais dois anos dedica-se ao estudo da Pintura a Óleo Clássica. Nesse período participou das seguintes exposições: 2016 II Bienal Norte de Artes – Sobral;• 2017 Mostra 08 de Maio – Centro Cultural Belchior – Fortaleza;• Exposição Confluências das Artes – Sede do Ministério da Fazenda do Ceará;• Exposição Dimensões – Ministério da Fazenda do Ceará;• 2018 Exposição do II Festival Ponte entre Nortes, Casa de Cultura – Sobral;• I Exposição do Coletivo Pluralidade – Varjota-Ce;• III Bienal Norte de Artes – Casa de Cultura – Sobral;• 2019 II Exposição do Coletivo Pluralidade, Casa de Cultura – Sobral-Ce;• Exposição do Festival Muvuca – Memorial do Ensino Superior de Sobral;• III Exposição do Coletivo Pluralidade – Tianguá.•



'O Despertar da Vênus do Sertão'

Óleo sobre Tela

80x60 cm



'O Vaqueiro'
Óleo sobre Tela
60x40 cm

Anais Karenin

“Anais-karenin expressa em suas obras de arte uma sensibilidade transparente, tendo a natureza como eixo de suas práticas artísticas. O título “Invisible/Imaterial” foi escolhido para valorizar coisas que a sociedade não pode ver, não pode materializar, não pode apreciar. Rochas abandonadas na rua, galhos, plantas da cidade, trepadeiras que crescem descontroladamente. Nessas coisas existe uma espiritualidade muito profunda e invisível, que pode respirar e reviver na exposição através de sua sensibilidade. Com sinceridade e respeito pelos antepassados e a cultura tradicional, ela entra em um lugar profundo entre a cultura brasileira e japonesa. Conectando o xintoísmo e a região de Tohoku (Japão) e a cultura do nordeste brasileiro (região de onde sua família vem). Por meio dessa transposição e conexão de fronteiras, é possível ver em seu trabalho a presença de contrastes - nesse caso entre materiais naturais e artificiais. Sua arte cria formas em um equilíbrio perfeito, dentro de um espaço em branco. Espalha, une, sincroniza(…)”

Texto crítico por Tatsuro Murakami



JUST FIND THE FAULT TO REBORN
*tecido, argila, cimento, plantas
ornamentais, tinta acrílica*
170x30x210cm
2018

Audrian Cassanelli

Nascido em 1989 é natural de Xanxerê-SC. Atualmente mora em Chapecó-SC onde atua como Artista visual e professor de artes na Apae. Licenciado em Artes Visuais pela Unochapecó. Membro do Coletivo Inço desde 2017. Participou de exposições em Santa Catarina, São Paulo, Paraíba, Mato Grosso e Maranhão, destaca-se a participação no Edital Nacional - ArteSesc Confluências (2015) e Bienal Internacional de Curitiba-Polo SC (2017).

Sua pesquisa em autorretrato e fotografia tem origem em 2011. O trabalho intitulado “Sem identidade ou 100 identidades” é fruto de pesquisas iniciadas 2015 sobre repetição e diferenciação. Neste trabalho de 2019 o artista apresenta 100 fotografias 3x4 com parte do rosto apagado e com etiquetas adesivas de preço em branco. Rostos desabitados, imagens de um sujeito ausente colocam em dúvida o valor de um autorretrato.



“Sem identidade ou 100 identidades”

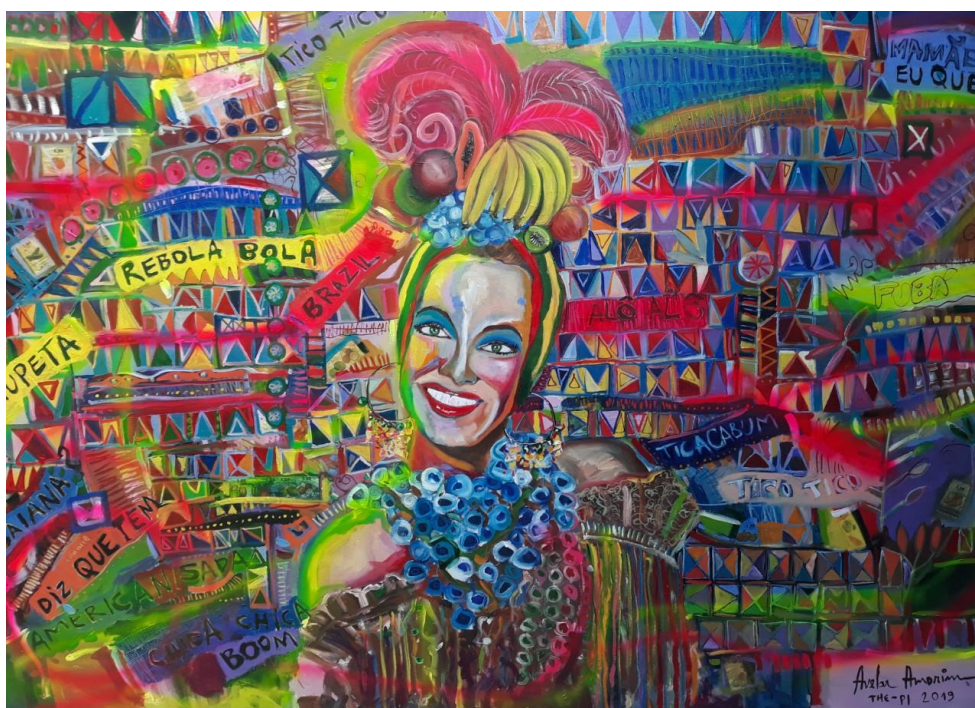
100 fotografias 3x4 e etiquetas de de preço sobre placa de PVC de 2mm

20 x 80 cm

2019

Avelar Amorim

Natural de Miguel Alves-PI, é Artista Plástico formado pela Universidade Federal do Piauí no curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, Especializado em História Cultural e Mestrado em Antropologia. Foi Arte-Educador da Rede Estadual de Ensino, Professor da Universidade Federal do Piauí do curso de Artes Visuais e atualmente é Professor Efetivo da mesma instituição no Colégio Técnico de Teresina-Piauí. Amorim soma seu trabalho como Professor ao trabalho de artista nas áreas de Cenografia, Ator e Diretor Teatral do Grupo Mosay de Teatro, tem experiências na área de dança contemporânea, Desenhista e Caricaturista. Foi Coordenador de Artes Plásticas da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, após adquirir duas premiações consecutivas no 13º Salão de Artes Plásticas de Teresina em 2005 com a melhor Pintura e melhor Performance. Seu trabalho explora texturas diversas, cores vivas e intensas com degradês suaves em composições que vão desde as formas orgânicas ao figurativo expressionista, como se retratasse uma cena teatral, talvez fruto de um laboratório do seu trabalho no campo das artes cênicas. Avelar Amorim possui em seu trabalho, uma identidade de fácil assimilação dos que já conhecem suas composições, passando por incógnitas ao erotismo. É hoje, mais um nome que integra a relação de outros nomes de considerável importância para as Artes Visuais Piauiense



'O Apreço do Brasil'
Acrílica sobre tela
140 cm x 210 cm
2019



'O tempo do lixo'
Acrílica sobre tela
180cm x 110cm
2019

Bia Monteiro

A série 'Desterrar', de Bia Monteiro, são fotografias que resultam de uma pesquisa da artista sobre recursos naturais - explorados desde a época da colonização - e os pigmentos que eles podem produzir. Depois de selecionar cuidadosamente os pigmentos, Bia Monteiro cria fotografias performáticas nas quais mulheres "anônimas" posam em meio a paisagem escolhida, segurando o que a artista chama de - "bandeiras neutras"- contra o próprio corpo em um gesto que remete a resistência. A escolha de tecidos pouco trabalhados em sua costura, mas tingidos com um cuidado obsessivo no uso e seleção dos pigmentos – todos estes ligados e oriundos do território brasileiro e curados em processos artesanais – traz uma sofisticação e textura que não se perdem na sua transposição para o registro fotográfico. Além do registro visual, a artista insere fragmentos do Manifesto Pau-Brasil, escrito por Oswald de Andrade em 1924, os quais considera muito pertinente como forma de reflexão nesse momento político no qual o país se encontra. Bia Monteiro é consciente como mulher e brasileira de quanto o seu corpo é silenciosamente mutilado num mundo com raízes misóginas e preconceituosas, e parece estar criando um mundo nesse processo onde torna-se possível fomentar um imaginário diverso e ético. Tudo isso com uma sofisticação alçada de sua simplicidade, e de onde uma crítica deve apontar pelo decurso de uma reflexão apurada para o espectador deixar-se trocar de uma pele que lhe foi imposta para outra que lhe serve.



Sentimental, intelectual, irônica, ingênua. A vegetação. Pau-Brasil.



dominando politicamente as selvas selvagens



Série 'Desterrar'. Sem título I, II, III e IV
Impressão em papel Fine Art
Edição de 5
78 x 61cm
2019

BRAVO

Ferramentas para uma arqueologia da pintura

As obras apresentam um momento de reflexão e diálogo com os fundamentos simbólicos das artes visuais e de um encontro com as suas raízes históricas, a arte se alimenta da arte, apresentando uma experiência antropofágica, aonde utilizo fragmentos da história da arte como objeto de reflexão estética da própria arte. Estes ícones pintados sobre ferramentas constroem uma narrativa de choque visual, um diálogo atemporal e arqueológico entre passado e presente. Boa parte destas pinturas foram realizadas em óleo sobre ferramentas, e outras em acrílico sobre ferramentas, utilizando procedimentos formais de pintura contemporânea. Nessa série de pinturas apresento diálogos com artistas que são símbolos iconográficos e arquetípicos que abitam o imaginário do mundo das artes. São artistas a quem devoto grande admiração, e por isso, aqui presto a minha homenagem. Há diálogos com Henri Matisse e Giorgio Morandi. Há recontextualizações com Willendorf, Auguste Rodin, Marcel Duchamp, León Ferrari e Tunga. E citações de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Diego Velásquez, Vincent Van Gogh, René Magritte, Tarsila do Amaral, Andy Warhol, Damien Hirst e Leonilson. A herança “duchampiana” é fundamental nesse processo criativo ao promover uma dupla apropriação. Por um lado, nas ferramentas, e por outro lado, nos ícones históricos, essenciais no campo semântico das artes. Os elementos que utilizo nestes trabalhos discorrem sobre o tempo, na medida em que obras do passado são revisitadas no presente, construindo um diálogo atemporal. Os trabalhos exploram as fronteiras da memória e da temporalidade mediante releituras de alguns símbolos icônicos da arte de todos os tempos.

WALDO BRAVO Nasce na cidade de Constitución, Chile, em 16 de maio de 1960. Passa toda a sua infância no povoado de Nirivilo. Em 1970 muda-se para a cidade de Talca para continuar seus estudos. Em 1978 muda-se para Santiago para fazer curso superior. Em 1981 muda-se para São Paulo. Em 1996 monta o Estúdio Contempoarte, Ateliê-escola. Formação 2006 - Seminário Marcel 30 - 27ª Bienal de São Paulo – Brasil.



'Memorial' 57, 60, 59, 58, 76 – Acrílico sobre pás - 97 x 25 x 18 cm (cada)

'Memorial' 64 – Acrílico sobre cerrote – 70 x 14 x 3 cm

'Memorial' 65 – Acrílico sobre cerrote – 61 x 12 x 3 cm

2019

Carlos França

Nessa amostra serão expostas obras, desenvolvidas na técnica da Arte digital - Digigravura, Processo no qual faço a prensagem da arte no tecido, sobre uma chapa de MDF 6mm. A necessidade do uso dessa técnica, se deu pelo motivo de dividir o tema em várias histórias dentro da mesma obra, puxando os olhos do espectador para ênfase em outros objetos do cenário. A escolha da chapa de MDF Por ter relação com a sustentabilidade, e utilizar exclusivamente fibras de madeira de reflorestamento como matéria-prima, o MDF é considerado um material ecologicamente correto. A utilização do MDF evita o desmatamento e uso indiscriminado de árvores nativas da Amazônia, Alegria é a temática que usei para retratar o povo do Sertão Nordestino, gente pobre, simples, sofridas pelas dificuldades que o cotidiano proporciona.

Mas que mesmo diante de tantas dificuldades essa gente busca na simplicidade motivos para sorrir e sonhar. Sabedoria, fé, esperança são a base do entendimento para valorizar o mais simples motivo de felicidades.

Para mostrar que ainda temos motivos pra nos alegrarmos, vou desviar um pouco o olhar das pessoas, tirando os olhos da tristeza, de um Mundo de desgraça para um de graça, amor e paz, um Mundo para sorrir, para contemplar e para amar.

A minha intenção é mostrar que no Sertão pode-se ser feliz mesmo com os problemas e as dificuldades e que a vida pode ser melhor se aprendermos a vê nestas pequenas coisas o motivo e alegria de viver e entendemos que pra todo problema existe uma solução , o importante é aproveitar cada momentos de nossas vidas como se fosse o único, não dando tanta atenção as dificuldades e assim poderemos viver em paz, amor e alegria.

Na obra: 1ª A safra do caju e da manga; represento num estilo pop arte, esses dois frutos tão popular do nordestino, que quando chega o tempo da safra faz a alegria das crianças, dos adultos, dos idosos. é a garantia de fartura, barriga sempre cheia.

2ª Alegria de sertanejo; é a satisfação de uma mesa farta, comer carnes, poder reunir a família em uma mesa, debaixo de uma arvore, ter motivos para comemorar com a família, a dádiva de mais um ano de vida, um natal e etc.

3ª Louvor a chuva; o que lhe é mais precioso nesse Mundo? não poderia ser outra coisa além de Água, que é vida. rios secos, terras secas, matos secos, tornando o cultivo e a pecuária quase impossível. Por isso quando chove no sertão é motivo de alegria e gratidão. O sorriso abre-se em meio a cantorias, soando como um louvo de agradecimento a Deus.

Sempre uso diretrizes de luzes atravessando toda obra, raios que representa o amor, paixão, vitalidade, renascimento, esperança, autoridade e a força. Tudo isso que o sol representa. Pois o sol também é vida.



'A safra do caju e da manga'
Arte digital - Digigravura
.3 quadros. 19x28 cm, 13x28, 19x24



'Louvor a chuva 1'
Arte digital - Digigravura
5 quadros, 13x28 cm, 13x24 cm, 13x24 cm , 13x14 cm, 12x15 cm.



'Alegria de sertanejo'
Arte digital - Digigravura
4 quadros. 19x28 cm, 13x28 cm, 19x20 cm, 19x28 cm.

Coletivo Huma

Coletivo de produção audiovisual e eventos culturais que se articula a partir do desenvolvimento sustentável, atuando como mediador entre espaços e culturas de resistência regional; colocando a sustentabilidade social e cultural como bases estruturais na concepção de projetos. Assim, o huma busca relacionar as práticas de audiovisual com pesquisasintervenções que estimulam outras percepções de trabalho em coletivo, pautadas na diversidade e no fortalecimento de identidades culturais.

As primeiras capturas feitas pelo projeto, retratam expressões culturais, hábitos e religiosidades que tomam as ruas de Juazeiro do Norte no início do mês de fevereiro. A série é intitulada como "Vela, Espada, Voz e Prece" por retratar a Romaria de Nossa Senhora das Candeias iluminada pelas velas do fiéis; aos embates de espada incorporados pelos grupos de reisado; e as vozes que ecoam cantigas e preces de fé

A partir do projeto "Para Além do Araripe", que se volta ao Sertão para registrar parte das forças que movem esse local como resistências culturais nordestinas, este filme surge com a união de registros brutos de uma coleta de rituais cotidianos, artísticos e religiosos que fazem parte da cultura do dia-a-dia do Sertão, aonde o Cariri tem vida e voz. O filme é intitulado como "Vela, Espada, Voz e Prece" por retratar a Romaria de Nossa Senhora das Candeias iluminada pelas velas do fiéis; os embates de espadas incorporados pelo o grupo de reisado do Mestre Dede; as vozes que ecoam cantigas e preces de fé, além das capturas da cultura cotidiana sertaneja ,como parte da resistência cultural coletiva no Cariri Cearense.

Viva as vozes que se levantam!
Viva as velas que iluminam as ruas!
Viva as espadas do reisado!
Viva as preces de fé!
Viva o sertão.



"Voz, espada, vela e prece"

12,03m

Tipo: Documentário Experimental

Direção: Coletivo Huma | Gui Griebler, Ferreira

Produção: Coletivo Huma

Roteiro: Coletivo Huma | Ferreira

Pesquisa: Coletivo Huma | Biu Xa

Locais: Brejo Santo e Juazeiro do Norte - Ceará

Elenco: Dona Nicinha, Seu Cicho Totou, Edmar Santos, Bia Santos, Tico Belo e José Guilherme
2019

Cristiane Mohallem

Nasceu em São Paulo, onde vive e trabalha. Graduiu-se em Psicologia pela PUC/SP. Entre 2000 a 2006, criou e coordenou o projeto Oficina de Artes no Hospital do Rim e Hipertensão, UNIFESP/SP. Esse projeto levou-a para a School of the Art Institute of Chicago, onde tornou-se mestre em arteterapia (2008). Nessa escola, descobriu o mundo das artes visuais, interessando-se, principalmente, pelos ateliês de pintura. Em 2014 deixou de trabalhar como psicoterapeuta para dedicar-se exclusivamente ao trabalho no ateliê. Desde então, vem exibindo sua produção em mostras individuais e coletivas, em espaços independentes, salões e instituições brasileiras e estrangeiras.

Dentre suas exposições individuais destacam-se: “São Paulo por um Fio”, Centro Cultural São Paulo, (2017) - projeto contemplado pelo Programa Exposições 2017 - e “Música em seus Dedos”, A Casa - Museu do Objeto Brasileiro, São Paulo (2017). Dentre suas principais exposições coletivas estão: “Archive of the Ephemeral”, Bridget Stern Galeria, Hamburgo, Alemanha (2017); “Yelling At the Sky”, Gaylord & Dorothy Donnelley Foundation, com curadoria de La Keisha Leek, Chicago (2016); “Seeing It Again: Nature Reconsidered”, Anderson Ranch Arts Center, CO, EUA (2016); Programa Exposições MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto (2015). Seu trabalho foi contemplado pelas fundações The Studios of Key West, EUA (2015), Ragdale Foundation, EUA (2016 e 2019) e pelo Instituto Sacatar, BA, Brasil (2019) onde foi artista em residência. Pintora, desenhista e bordadeira, a artista trabalha a partir da observação da natureza, interessando-se pelos desdobramentos da linha e da cor. Para ela, tudo é cor e movimento.



'Árvore com flores violetas'
Linha de algodão em cambraia de linho
94 x 102 cm
2019

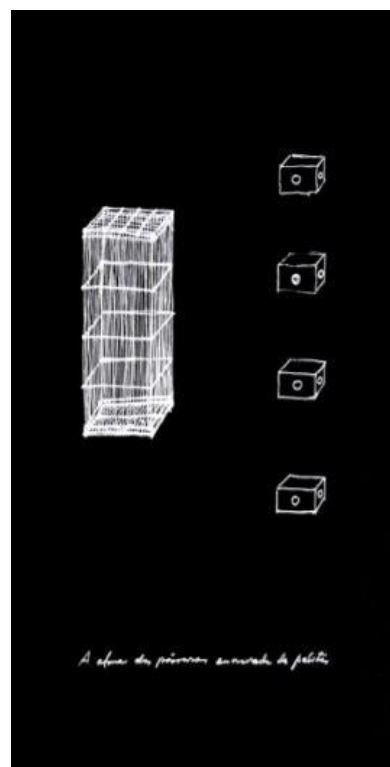


'Um Peixe'
Linha de algodão em linho
50 x 95 cm
2019

Edilson Parra



Natural de Sousa/PB reside em João Pessoa desde 1999. Graduado em Filosofia/UFPB, trabalha com objetos, instalações, desenhos, vídeos e outros suportes. Desenvolve pesquisas sobre o modo como o ente humano relaciona-se, com ênfase às instituições de controle social, o uso de armas e armadilhas para exercer domínio inclusive sobre as demais espécies. Denominado Ditirambos, o projeto estrutura-se em quatro vertentes: Vicare (Aves), Mamalis (Mamíferos), Tétis (Animais aquáticos e peixes ou Rios e Mares) e Sapiens.



Série Vicare
Desenho Gel pastel sobre canson, com suporte em acrílico
29,7x21cm
2012

Elias Rodrigues de Oliveira

Elias Rodrigues de Oliveira, fotógrafo pernambucano, de Recife, graduado em Tecnologia da Informação, só descobriu a fotografia ao final de 2016, após o curso de qualificação em fotografia, no SENAC Recife. Desde de então vem realizando projetos pessoais, cuja liberdade e diversidade de temas lhe permite aplicar na fotografia, além dos conhecimentos técnicos e conceituais, seu olhar e seus valores. Atualmente, vem se dedicando ao projeto "SERTÃO IMPONENTE", percorrendo regiões do sertão nordestino, buscando retratar e divulgar o sertão: na beleza dos cenários; no poder da natureza; na riqueza da cultura; no cotidiano e seu povo; e nas coisas do sertão. Sertão Imponente Na maioria das vezes em que se fala sobre o sertão nordestino, é comum que a narrativa se concentre apenas nos problemas que aflige o sertanejo e nas terríveis consequências produzidas pela seca. Diante disso, para estimular a gente a olhar para o sertão com um olhar diferente, venho percorrendo regiões do sertão nordestino com o projeto "Sertão Imponente", na busca de retratar o sertão: na beleza dos cenários; no poder da natureza; na riqueza da cultura; no cotidiano e seu povo; e nas coisas do sertão. Desta vez é a hora da cultura; a cultura do vaqueiro. Veio do português com o índio e, até hoje é ele que cuida do gado no Nordeste do Brasil. Pra correr atrás do animal desgarrado se veste com uma Indumentária própria feita de couro: perneira, gibão, chapéu, peitoral, luvas e botas; tudo para se proteger do sol, dos galhos e dos espinhos da caatinga. Dono da fazenda ou empregado, não importa; todo dia é dia de vaqueiro pois está sempre montado em seu cavalo verificando as pastagens, as cercas e levando o gado para se alimentar. Nos últimos 49 anos, o auge dessa cultura nordestina vem a tona sempre ao final do mês de julho, com a comemoração da tradicional festa dedicada à Raimundo Jacó, o mais famoso dos vaqueiros, onde pessoas de várias regiões do Brasil se reúnem na Missa do Vaqueiro, em Serrita, Pernambuco. " A vida do vaqueiro é tão importante, que quando ele parte para o outro mundo, Deus perdoa todos os pecados. Porque quem já sofreu muito na terra, confiando "Naquele Lá de Cima", o que tem que sofrer, já sofreu aqui. Não sofre mais não. " Palavras de Vicente Jacó (filho de Raimundo Jacó)



"SERTÃO IMPONENTE"

Seis banners, tipo galhardete em preto e branco, impressos em lona 340gr
60 x 80 cm, para fixação em parede.

2019

Erly Emilio Almanza Torres

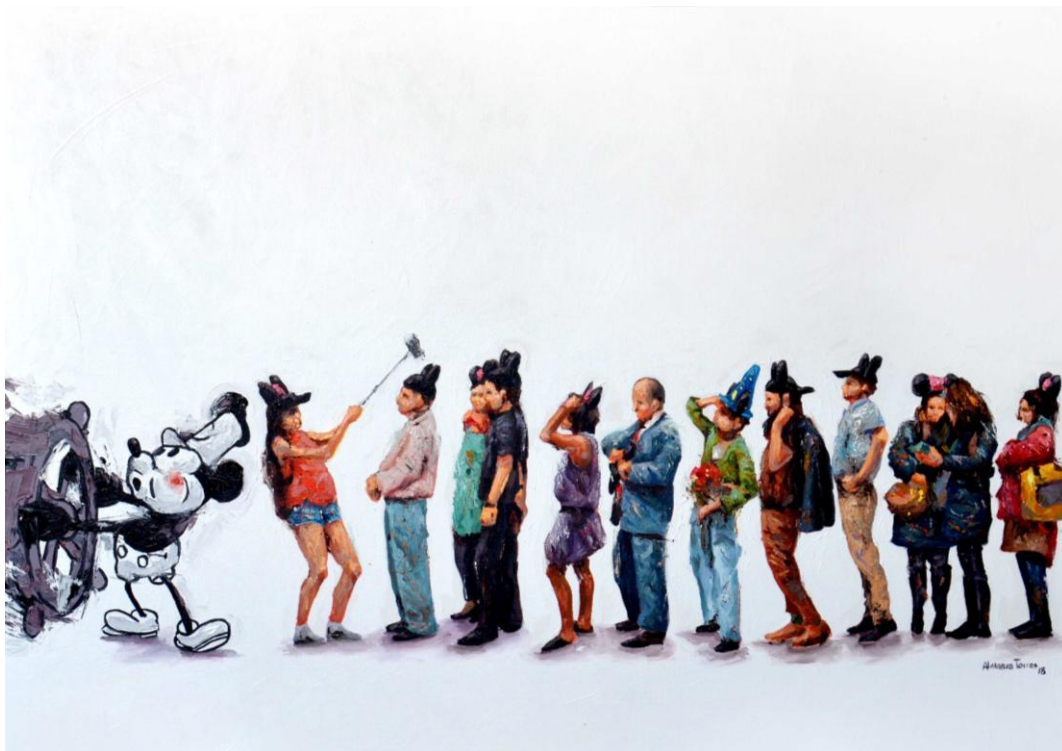
O início do meu trabalho está nas influências imediatas do espectro vivo no indigenismo latino-americano do início do século XX, baseado em questões de subalternidade do índio andino. Ao deixar meu ambiente tradicional dos povos das montanhas, pego as variantes sociais para interpretá-los em assuntos universais.

Eu nasci em 18 de março, minha infância foi entre Arequipa e Ayaviri, uma pequena cidade localizada ao norte de Puno nos andes peruanos; meu trabalho é claramente influenciado por essa fase da minha vida. Eu terminei o treinamento escolar no *I.E. San Juan Bautista de la Salle* de Arequipa.

Entrei na *Escuela de Artes Plásticas* da *Universidad Nacional de San Agustín* Arequipa onde obtive o grau de Licenciado em Artes Plásticas. Eu estou agora estudando um mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Brasil. Sou sócio e fundador da *Tawa Producciones SRL*. Faço exposições dentro e fora do meu país (Peru), consegui alguns prêmios e reconhecimentos graças ao meu trabalho artístico. Eu sou o autor de publicações nacionais e internacionais e possuo personagens patenteados sob os direitos autorais e marca registrada *Copyright & Trademark*.



'Nas ruas'
Óleo sobre lienzo
40x80
2018



'90 años del ratón'
Óleo
Óleo sobre lienzo
100x80
2018

Grão

Gabriela Sá e Ícaro Moreno

Grão é um duo composto pelos artistas plásticos Gabriela Sá e Ícaro Moreno. A parceria nasceu da vontade de combinar pulsões criativas e investigações artísticas com imagens e sons. Ao perceber diversos pontos de encontro em suas pesquisas individuais, os artistas decidiram juntar esforços em 2015, criando, desde então, projetos e obras que tocam os temas da memória, da história, do pertencimento e das construções poéticas que exploram as latências e as lacunas imagéticas.

A obra “pedras náufragas” (2016) foi criada a partir das incursões realizadas na cidade de Pedra Azul/MG. É a água-marinha que dá nome a esta cidade do sertão mineiro. Conta a lenda que o maior espécime do mundo desta pedra preciosa foi encontrado em uma fazenda local e, por isso, a cidade foi batizada em sua homenagem, em referência à cor azul do mineral. Hoje, elas são escassas na região, muitos dos moradores nunca viram uma. Instigados pela questão da origem do nome e do imaginário dos cidadãos acerca dele, o duo decidiu trabalhar com pedras graníticas comuns e sem valor coletadas nas principais formações rochosas que circundam Pedra Azul. Após a coleta, banharam-nas em uma emulsão de cianotipia. Tal processo fotográfico recobre com um azul prussiano a face visível das coisas, e acabou por se tornar uma maneira de reativação simbólica daquele material desimportante. A obra pode ser apresentada individualmente, como escultura, ou em conjunto com as demais obras deste portfólio.

Tornar azuis pedras sem valor não foi nosso objetivo final, era preciso torná-las disponíveis novamente ao acaso que havia incidido sobre a primeira água-marinha encontrada na cidade de Pedra Azul. Era preciso, portanto, devolvê-las à terra. Enterramos vários montantes das novas pedras azuladas em pontos esparsos e encontrados ao acaso, a partir das circunstâncias do momento. A localização foi salva com auxílio de um GPS, para que tivéssemos a notação de onde estão as pedras. Sinalizadas no vídeo, marcamos seu ponto geográfico exato, não como forma de reencontrá-las em um futuro por vir, mas como um pequeno lembrete. A intenção não era a de promover um encontro entre os moradores e essas novas pedras, sob a égide do falso. Mas sim, a de lançarmos de volta - à essa terra que já foi mar - um punhado de pedras-mensagens náufragas.

O livro “Arqueologias do Imaginário” visa recriar poeticamente algumas histórias e mitos do imaginário dos cidadãos de Pedra Azul-MG. Após um período nessa cidade do Vale do Jequitinhonha, o duo grão trabalhou com materiais de arquivo, pedras coletadas in loco, fotografias, vídeos e experimentações com cianotipia. Propensos a mesclar atitudes científicas (observação de fenômenos naturais, descrição da morfologia do espaço, catalogação de acidentes geográficos etc) a investigações históricas e a fabulações poéticas, os artistas criaram diferentes frentes de ação. Além de visitas a arquivos públicos e privados, entrevistas e coletas de depoimentos, foram realizadas expedições às principais formações rochosas da região ao longo de dois anos.



“Pedras náufragas”
(pedras graníticas coletadas in loco na cidade de pedra azul/mg, cianotipia, dimensões variadas)
“Devolver à terra”
(video-performance, 4k, 16’02”). Disponível em: <https://youtu.be/BIVVEao7PDk>
“Arqueologias do imaginário”
(livro de artista, 96 páginas, 11,5 x 15cm; impressão jato de tinta em papéis pólen 90g e ap 90g; papéis vegetais com lápis de cera.)
2016-2018.

Higo Joseph

Migrou do Nordeste para São Paulo aos 13 anos. Formado em Comunicação Visual, Multimídia e cursando Artes Visuais. Ilustra para Folha de S. Paulo, editora Veneta entre outras. Fez sua primeira individual, Linhas de cinema no Cinesesc em 2018, como parte do Festival Sesc Melhores Filmes. Selecionado para a 2ª Mostra Diversa do Museu da Diversidade Sexual, e logo em seguida foi convidado para outra exposição, Solidão, no mesmo Museu. Participou da residência galpão Funarte e expôs na Funarte SP. Fez vivência artística no Estúdio Lâmina e Atelier Amarelinho da Luz. Em 2019 apresentou a individual Além do universo fálico na Lona Galeria que lhe representa em São Paulo.

Em seus trabalhos aborda a temática dos limites, tanto físicos quanto ideológicos, e que criam barreiras para indivíduos que vivem a margem da sociedade. Orientação sexual, gênero, raça, social. Usa como metodologia a sobreposição de técnicas e materiais, em alusão a processos sociológicos de ocupação dos povos e comunidades e das camadas sociais em que um sobrepõe-se a outros ao longo dos séculos.



S. título (Sila e Adília) da série cangaceiras
Bordado, acrílica, carvão, óleo bastão sobre linho
162 x 123 cm
2018 - 19

Isabella Beneduci Assad

Em 'Despedir-se dá febre', o trabalho tem como referência as ferramentas para marcar pele animal, mais conhecida como marca de boi. A frase inscrita na marca pertence ao livro "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa, escrito em 1956.

Vivo e trabalho em São Paulo. Sou formada em Artes Visuais pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (2016), onde também cursei Comunicação Social com habilitação em Cinema (2011-2012). Em 2015 fui selecionada e premiada pela 47ª Anual de Artes Faap, MAB, São Paulo (2015). Em paralelo integro o Metade com a arquiteta Ana Tranquesi, com quem também desenvolvo pesquisas e trabalhos. Em 2016 o grupo foi contemplado pelo edital do projeto Contracondutas com a proposta de intervenção pública cento e onze. Em 2017 formei ao lado de mais 4 artistas o Grupo Outro, um grupo de discussão e produção em arte contemporânea autogerido. Em meu trabalho busco entender a palavra como vestígio e indício, como um corpo que nunca se revela por inteiro. Investigo a palavra escrita, falada, grafada, construída, desenhada, formada, dobrada, deslocada, concentrada, vista. Penso em gestos faltantes, ações geradoras de marcas, que se evidenciam em conjunto com o espaço onde estão inseridas, penso em espaços de vacância e possíveis modos de falar e ouvir a partir desse lugar, dentro desse lugar.

Já em 'Anúncio', a obra acontece em um painel de led instalado na fachada externa do espaço expositivo, onde anuncia-se a pergunta "e depois de amanhã?". Presente principalmente nas ruas das capitais, como São Paulo, o painel de led é um dispositivo utilizado majoritariamente por comércios e estacionamentos para anunciar produtos, preços, ofertas, horários de funcionamento e contatos. Em Anúncio a informação é uma indagação. Descarta-se o lugar do informe e adere-se a um lugar incerto e do possível. Depois de amanhã pode ser daqui dois dias, uma semana, dois anos, um mandato, uma gestação, a copa, a intervenção militar, o povo gritando nas ruas, um porvir. Contudo, é um porvir que está ancorado em um mesmo tempo: um hoje duradouro.



“ANÚNCIO”
Leteiro em painel de led
0,20 x 100 cm
2018



“DESPEDIR DÁ FEBRE”
Ferrete de ferro forjado à mão e madeira
10 x 103 x 63
2015

Ísis

Corações Versos Espadas

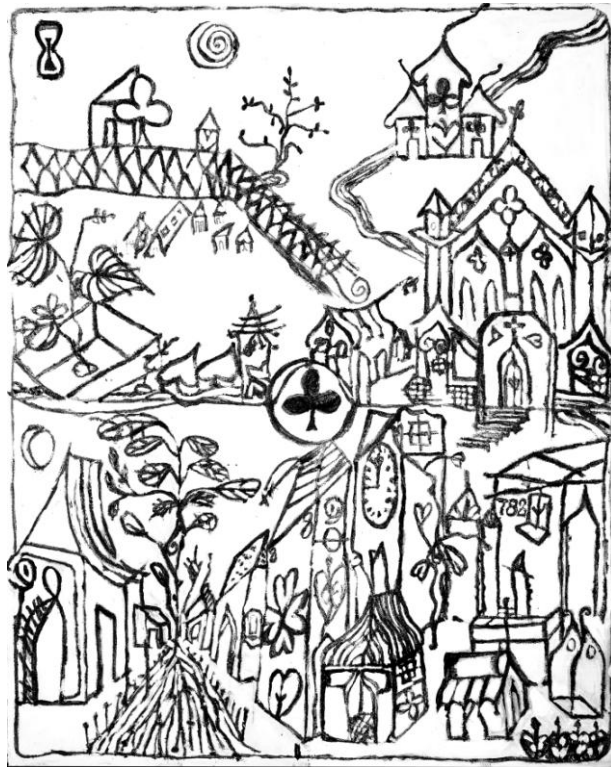
Os mistérios envolvem as cartas de jogo e seus naipes desde a origem. Não se sabe ao certo se foram criadas na Pérsia, China e Egito. Ou ainda se foram os Mouros, Ciganos ou Sarracenos que as levaram em seus bolsos no séc. XIII para a França, Espanha e Portugal. Mas é certo que o baralho e os jogos de cartas se difundiram pelo mundo durante a expansão marítima de navegadores como Marco Polo e Colombo. Os longos dias na proa das caravelas seriam intermináveis sem o jogo. Estes baralhos orientais, ricamente desenhadas adquiriram as características que conhecemos em nossa época, onde brincamos com a sorte dos Valetes e com o destino no Tarô. Muitos artistas contribuíram para a criação e formatação dos baralhos ao longo dos tempos. As imagens foram sendo substituídas por signos. Os naipes de Ouro, Copas, Paus e Espadas, simplificaram as cartas, cujas ilustrações outrora representavam tesouros, figuras da realeza e fábulas morais, tornando possível sua produção em larga escala. E se num primeiro momento as cartas eram feitas de modo artesanal, ilustradas à mão e coloridas com as têmperas. foi no Séc. XV, através da xilogravura e da litografia e mais tardiamente pela prensa, que a produção de cartas se desenvolve de maneira rápida para atender a demanda dos ávidos jogadores. No Brasil, as primeiras cartas foram produzidas aqui na Bahia, onde em 1770, a primeira gráfica oficial sofria para concorrer com as impressões de baralhos ilegais. Um negócio tão rentável que a própria Coroa emitia o alvará de permissão e punia com a pena de degredo os falsificadores. Assim, cada região vai desenvolvendo seus próprios baralhos, gravando nas cartas particularidades e cores que compõem seu imaginário. Desta forma é que o jogo adquire um caráter que ultrapassa a sua finalidade, pois se transforma em suporte para o registro da cultura local, para a transmissão dos nossos símbolos. Desta forma é que uma simples carta de papelão transformar-se em um objeto histórico-artístico, pois guarda em si aquilo que nos identifica visualmente. Por isto, a prática de qualquer jogo, seus rituais, regras e iconografia revelam como cada sociedade se organiza e se percebe.

É neste sentido que as pinturas e desenhos de Ísis se insinuam. Pela simbologia e o uso dos signos de cada tipo de baralho a artista cria a sua paleta e reorganiza o espaço simbólico das cartas em um novo espaço de jogo, no qual o espectador é seu parceiro. Os naipes transformam-se em pássaros, folhas, paisagens, partes de cenas amorosas, seres imaginários. Compondo seus desenhos como versos visuais, as linhas deslizam e se emaranham em planos de sonho. Os signos são convertidos em elementos narrativos de maneira muito sensível, revelando outras influências expressivas em seu trabalho, que são a Poesia e a Música. Ancorada nestes três universos, Jogo-Música-Poesia, a pintora em sua jornada percorre os caminhos dentro de seu próprio tarô, de mãos dadas com a Rainha e o Louco. A paleta reduzida, composta predominantemente dos brancos, pretos e vermelhos, é suficiente para que Ísis revele em cada um destas pinturas seus arcanos, afetos e amores. Há uma canção da banda B-52's, Roam, que diz: "toda viagem pelo mundo começa sempre por um beijo". Nada mais apropriado para esta mostra que marca o início da trajetória de Ísis. O caminho do artista é árduo, por isso é sempre bom estarmos com a espada afiada, o coração aberto e os versos na memória. E claro, um velho baralho no bolso, afinal, às vezes temos que desafiar a Vida num bom jogo de cartas.

Mike Sam Chagas



O palhaço
Acrílica sobre tela
80 x 100
2017



Indo de encontro
Óleo sobre tela
80 X 100
2017

Jussara Marangoni

Jussara Marangoni (1960) nasceu em São Paulo, vive e trabalha em Araçatuba. Graduiu-se em Artes Visuais na FAAP e concluiu mestrado em design pela UNESP de Bauru. É professora de artes desde 1982, tendo colaborado com universidades como Mackenzie, FAAP, Santa Marcelina, Belas Artes, PUC-SP e Uniletoledo. Foi assistente do artista Nelson Leirner por treze anos, antes de transferir-se para o interior do Estado. Ao longo dos anos vem participando de várias exposições e salões. Destacando-se as últimas de 2019: 3a. Temporada de Exposições do MAB - Galeria Municipal Arte – Blumenau – SC; Exposição Individual - raiz.veia.afluente - CACW - Ribeirão Preto – SP; Exposição Individual – Patrimônio – Câmara Municipal de Araçatuba – SP; Circuito de Arte Contemporânea de Curitiba – MuMA – Curitiba – PR; Menção Honrosa Concurso Fotografia Sintrajufe – RS – Calendário 2019.

Esse trabalho é o resultado de pesquisas que aproximam corpo e paisagem através do desenho, aquarela e fotografia. As formas orgânicas, normalmente raízes e troncos de árvores em um movimento de extensão criam novas narrativas visuais. As raízes e troncos tornam-se o corpo humano, transformam-se em veias e como afluentes vão invisivelmente alimentando a relação corpo/natureza

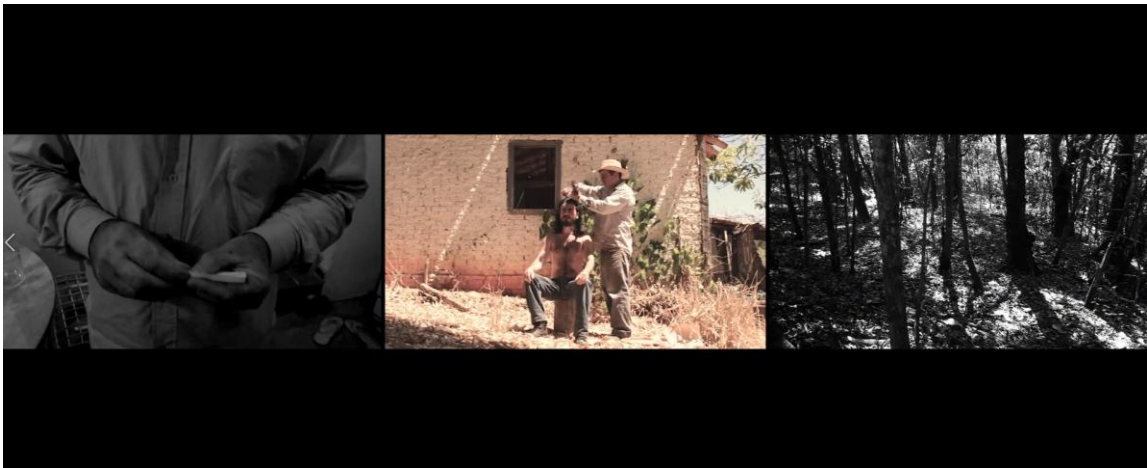


‘Raiz.veia.afluente’
Fotografia, aquarela s/ papel e casca de árvore.
47 x 168 cm
2019

Leandro Peregre

Este trabalho é resultado de uma pesquisa artística que surgiu após eu receber uma pedra-de-fogo que pertenceu ao meu avô paterno. Em meio às minhas memórias de suas histórias e causos da vida no campo, revisitei tradições enraizadas na cultura dos povos do cerrado.

O processo artístico é marcado por diversas referências. O fazer fogo por meio do choque de um pedaço de aço (lima velha de amolar enxada) com uma pedra-de-fogo (sílex), faiscando e gerando brasa em algodão armazenado dentro de uma binga-de-macaco (semente de jequitibá). A presença do fumo, com o preparo do cigarro de palha caipira, e do corte de cabelo, elementos presentes em diversas tradições e seus ritos de passagens, contaram com a presença de meu pai na performance. Por último, a mãe terra, presente pela forte ligação com a natureza - terra, folhagens, árvores e o som da mata. Durante todo processo, o confronto com a pedra faiscou memórias e reacendeu questões em torno de minha identidade, ancestralidade e meu corpo. No universo simbólico do ritual, o corpo se torna um local de transformação e autorreflexão, um espaço limiar entre sujeito e objeto, dentro e fora, homem e natureza, permanente e transitório. Explorando, irrompendo e revertendo dimensões do tempo e lugar. Rito de passagem. Sujeito criador também é recriado.



'Ritual ou a pedra-de-fogo'

Videoperformance

5 min, loop.

2019

Disponível no link <https://vimeo.com/329087232>

Lidhia SemH

Lidia Martins, nasci em Teresina no piauí e adotei como nome artístico o “Lidhia SemH” após o questionamento de amigos sobre a real grafia do meu nome. Entrei para o mundo artístico muito cedo, com mãe fazendo crochê, costurando e uma tia pintando, foram minhas duas grandes inspiradoras iniciais. Nos tempos de escola os amigos já reconheciam o meu direcionamento pra arte e apoiavam sempre que podiam, exemplo disso foi minha primeira exposição no 9º ano do fundamental, expus na 6ª edição da Feira do Conhecimento do Madre Maria Villac. A partir daí, só crescimento! Entrei em primeiro lugar no Teste de Habilidades Específicas da Universidade Federal do Piauí em 2018, onde estou cursando Licenciatura em Artes Visuais atualmente. Fui homenageada pelo Geleia Total, projeto de grande incentivo e apoio da arte Piauiense, dei entrevista no programa Universo Mulher da TV Meio Norte, expus no 16º Salão do Livro do Piauí, expus em diversos eventos culturais da UFPI, expus na 11ª Bienal da UNE em Salvador com a obra Anunciação, expus na Galeria Liz Medeiros da Universidade Federal do Piauí com a obra Completude e illustrei textos para sites online. Procuro sempre me aprimorar mais, ousar estar onde alguns ainda não se encorajam a ir e, mesmo com pouca idade, ir com a cara e a coragem atrás dos meus objetivos, conhecer os renomes da arte piauiense, da arte nacional e internacional e conhecer artistas que, assim como eu, estão começando e farão parte da próxima geração de artistas piauienses.



'A plenitude no complementar'

Aquarela

21x29.7

2019



"Jacira"

Aquarela

21x29,7

2019

Lynn Court

O trabalho da artista Lynn Court são máscaras que variam de tamanho e técnica, sejam elas muito grandes, impossíveis de serem vestidas, ou pequenas. Algumas são bordadas à mão sob tela de algodão pintada, outras são feitas com finas tiras de “selfies” que desconstroem o rosto da própria artista.

Essas obras foram desenvolvidas num período de muita tensão e mudanças políticas no Brasil. A artista começou a perceber que muitas pessoas começaram a revelar sentimentos antes escondidos. As máscaras nos levam a questionar sobre o que somos na verdade? O que está por trás delas? De que lado estamos? O que é verdadeiro ou falso? Somos bons ou maus? existem várias questões por traz do mistério das máscaras.

O fascínio por rostos e olhares humanos vem desde desua infância. Sua mãe, estilista de moda, colecionava revistas e materiais de costura. Lynn a acompanhava ao trabalho, uma confecção de roupas e via as costureiras diariamente manuseando diferentes tipos de tecidos.

Com o passar do tempo suas memórias de infância voltam à tona e fazem a artista retomar suas colagens, pinturas, trabalhos com costuras, utilizando materiais como alfinetes, lã e recortes. Seu trabalho têm sempre uma pitada de sarcasmo referente a algumas questões políticas.

A série ganhou título de “Persona” - substantivo feminino / psicologia: na teoria de C.G. Jung, personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira.



"Persona - Workers"
algodão / acrílica / costuras
80 cm X 100 cm
2019

Luiz Barroso

Invisível presença / Outras palavras

Há sempre um bom motivo para se rever o passado...Há pouco, diante de uma folha em branco e com a tarefa de escrever sobre a nova exposição do amigo Luiz Barroso, me veio uma enxurrada de boas lembranças, dos tempos e lugares em que estivemos juntos comungando algum delírio, projeto, desejo...Por exemplo, em 1996, nas comemorações do centenário de Antonin Artaud em Marselha(sua terra natal), nós dois visitamos uma mostra de desenhos (rabiscos, na verdade) deste dramaturgo francês no Museu Cantini, no centro da cidade. Digase que neste período Luiz Barroso coordenava ações educativas na periferia de Marselha, por meio da Association Le Hors-Là.

E hoje, exatos 20 anos, esse passado me parece incrivelmente atual. Pelos motivos que passo a relatar. Primeiramente, tratava-se de visitar esse genial múltiplo artista que aborda na sua obra uma característica que o acompanhou por toda a vida: não conceber nenhuma arte que estivesse separada da vida. Na verdade, os desenhos/rabiscos (além de cartas e textos) exibidos nesta mostra surgiram enquanto Artaud falava por telefone ou escrevia cartas a conhecidos e desconhecidos. Ele utilizava o ato de desenhar como extensão/ expressão de suas inquietações interiores:medos, desejos, sonhos. O conjunto de sua obra (seus desenhos, inclusive) era pretexto para revelar a tragédia humana que se manifesta na dor de viver, dor esta que Artaud experimentou na carne ao longo de sua existência.

Agora, por mera coincidência, Luiz Barroso nos apresenta uma série de desenhos Invisível presença que, que nem em Artaud, também se iniciaram na mais tenra idade e em circunstâncias adversas e confusas, enquanto usava os “desenhos” como válvula de escape para o “bloqueio” em se relacionar com o “mundo”. Gestos infantis? Devaneios psicodélicos?

Ora, tanto em Artaud como em Barroso aquilo ainda não era arte, mas expressão de vida. Em ambos os casos, este material raramente é exibido, muito menos, como “obra final”. Hoje, quando vivemos a era da exacerbação na exploração da imagem, parece até que este tipo de desenho deixou de ser brincadeira de criança ou motivo de análise psicológica de um sujeito, virou assunto sério. Mutiplicam-se as chances de trabalho nesta área em função do surgimento de computadores e da sua aplicação na publicidade, comunicação, decoração design, arquitetura, etc.

E mais, enquanto observo os recentes desenhos (caneta esferográfica sobre cartão) de Barroso, me vem algo que vai além da arte para seu “mergulho interior”, em que há sim a importância do inconsciente na atividade criativa. De verdade, estão ali suas “viagens”, sonhos, desejos, medos, mas também a capacidade de organização gráfica digna de um belo designer de estampas (ou de azulejos). Seu traço visceral, quase “oriental”, em que explora, além da conta, uma infinidade de possibilidades gráficas e estéticas, foi conquistado no trabalho árduo de quem sabe o que quer, Que tem personalidade.

Diferentemente de Artaud, há uma tentativa de organicidade espacial na apresentação dos desenhos de Barroso. Por mais que seja uma “invisível presença”, os desenhos, apresentados como jogos de acúmulos, de repetições, de sobreposições, nos fazem mesmo refletir sobre “novos caminhos para a comunicação do mundo interior com o exterior”, como o artista mesmo sugere.

Dyógenes Chhaves (ABCA/AICA)



'Sem título'
Esferográfica sobre cartão
88x88 cm
2016



Mariana Araújo Silva

O encontro dos rios

O trabalho apresentado à IV Bienal do Sertão de Artes Visuais é parte dos registros da pesquisa de campo realizada durante o desenvolvimento do meu mestrado em artes na UNESP, em São Paulo. A pesquisa de campo foi realizada em 2017, na associação de cerâmica comunitária Nossa Senhora de Fátima, na cidade da Barra, oeste baiano, onde o rio Grande encontra o rio São Francisco. Essa região é denominada popularmente como “boca do sertão”. A investigação partiu da leitura dos textos do antropólogo Ricardo Gomes Lima, da jornalista Edyla Mangabeira Unger e do historiador Carlos José da Costa Pereira para compor um passado e um presente estéticos sobre essa comunidade artesã.

Compreendendo cerca de quatro décadas desse trabalho artesanal, os autores relatam, cada um à sua época, o cotidiano e as transformações experimentadas por essa comunidade.

As fotos apresentadas buscam compor um olhar artístico sobre a cerâmica da Barra - menos etnográfico e mais da ordem da tradução estética. São o olhar de uma artista pesquisadora no encontro com o outro, no local onde esse “outro” se forma a partir do trabalho que é atividade de sustento, mas também herança ancestral. Nesse sentido, olhar para essa “boca do sertão” também impacta meu trabalho como artista e ceramista, pois me leva a observar meus próprios sertões internos, onde busco e encontro as flores de xique-xique que nascem da beleza árida, mas que assim como o barro, são potentes de vida.



'O Encontro dos rios'
Série composta por 4 fotografias digitais impressas sobre papel
61x86cm cada
2018

Marina Woisky

Graduanda em Artes Visuais na UNESP. Participou de "Locação Paisagem" programa de intervenções na USP com a instalação "Vínculos" em 2019 e exposição "Don't Touch Me" em 2018 na Galeria Alcindo Moreira Filho, em colaboração com a artista Maria Livman; em coletivas como "Abraço Coletivo" no ateliê 397 em 2019, "Um Cômodo Bem Pequeno" na Galeria Alcindo de Moreira Filho em 2018, "Mostuário" do projeto de conclusão de curso da disciplina Estúdio Vertical da Escola da Cidade em 2017, no evento "L.O.T.E." no Instituto de Artes da UNESP em 2016. Além disso, fez a curadoria da exposição "BAMBA" em 2019 e o texto da exposição "BFF" em 2017. Participou em 2016, 2017, 2018 da Residência Artística do Grupo de Pesquisa L.O.T.E. (lugar, ocupação, tempo, espaço) da UNESP - SP na Fazenda Serrinha em Bragança Paulista e na Fundação Marcos Amaro em Itu.

'Ciranda dos bichos' de 2019 é a reprodução de uma imagem de um objeto sólido em tecido, costurado como matelassê e recheado com gesso. Bichos que um dia foram representados por meio de esculturas, mas por serem objetos, mantém o aspecto sólido de sua materialidade original que é retomado pelo retorno da impressão bidimensional em objeto tridimensional.



'Ciranda dos Bichos'
Impressão sobre tecido, enchimento em gesso
60x140x2m
2019

Natalie Mirêdia

Sinto que meu fenótipo influencia em meus trabalhos, os quais por vezes se materializam como objetos, performances, vídeos, fotografias e instalação, devido as minhas características físicas e faciais. Meu gênero é feminino e eu estou de acordo com ele; rosto delicado, baixa estatura e voz tonal como a de uma criança. Não se espera uma expressividade que tenha como um de seus componentes básicos a agressividade, quebrando as expectativas construídas em torno dos materiais com os quais trabalho e da maneira como realizo as operações. Encaro meu próprio corpo como um elemento delicado, mas o qual, dependendo da ação, transforma-se em um corpo que expressa agressividade. A concepção de “delicadeza” e “agressividade” se conecta com o peso, a rigidez, a funcionalidade, o formato e a quantidade dos elementos envolvidos. Utilizo objetos cortantes como serras, facão, cinzel, pregos, arame farpado e serrote em grande parte dos trabalhos, o que gera uma tensão no público, pois tais materiais em contato com o corpo podem estimular uma sensação de possível destruição do mesmo, visto a periculosidade em manuseá-los. Para criar a sensação de contraste, utilizo materiais que pertencem ao universo infantil e feminilizante, como bonecas e a cor rosa, além de materiais que considero antitético aos cortantes, como algodão e purpurina. Durante os trabalhos busco conviver com situações problemáticas, sem me ferir com os materiais que as compõem, o que para mim, se trata da ideia entre arte e vida. A transformação do meu ser na performance consiste justamente na preservação do meu psicofísico, cercado por esse perigo iminente, que provém da prática de sobrevivência.



'CAMPO MIMADO'

Vídeo

4,32m

A ação consiste em desenrolar 60 metros de arame farpado e criar uma espécie de "cama de gato" no espaço físico. As farpas serão cobertas com pedaços de algodão, como em um processo cirúrgico. A luminosidade fúcsia visa estimular uma atmosfera ambígua, a qual se faz presente quando temos o uso de materiais tão opostos como arame farpado e algodão. A trilha que compõe a ação se trata de sons de planetas captados pela NASA no espaço sideral. A instalação é construída durante a performance, num espaço de 8 metros de profundidade por 3 metros de largura.

Luiza Grillo

Pedro Vidal

Sertão é um bioma, modo de vida, cultura... sem limites geográficos.

Este trabalho reflete esta aura inspirado pelo naif, Cordel e xilogravura. Além disto, “ser” + “taum” é uma expressão de sentimentos ou emoção. Pedro Vidal é um artista piauiense com infância bem vivida entre Teresina, Batalha, Piracuruca e Barra Grande. Adulto, mudou para cidades maiores, voltando para casa com corpo e alma entranhados de amor pelas raízes e cultura do seu povo.

As pinturas do SER_TAUM nascem de forma espontânea, de lampejo: uma vista (que pode ser de memória) vira rabisco num papel e depois uma ilustração vetorial. Do virtual volta ao físico através das tintas em telas, kraft e outros anteparos. Os vetores têm a possibilidade de mudar rapidamente e fazer muitos testes de forma, cor e disposição, porém é apenas com a acrílica que o trabalho encontra seu lugar-potencial: são usados tons e meios tons misturados, cores metálicas e a textura do anteparo somada à da tinta em si.

Pedro Vidal de Melo, é artista visual com formação em Comunicação e design gráfico com 32 anos, natural de Teresina, Piauí. Tendo vivido parte da infância entre Batalha, Piracuruca e Barra Grande, o artista formou um repertório de memórias afetivas que agora traz a público através da série SER_TAUM, que teve sua primeira exibição no Museu do Piauí com 13 (treze) obras de 20 de fevereiro a 14 de abril de 2019 e foi selecionada no edital de ocupação da Casa da Cultura de Sobral. Designer com formação em publicidade e design gráfico, é apaixonado pela beleza da simplicidade. Desenvolve projetos de diferentes áreas desde branding à sinalização e web para agências conceituadas de São Paulo e clientes de vários setores e tamanhos. Acredita que a união da comunicação e do bom design é capaz de transformar a sociedade, especialmente nas áreas de cultura e turismo, por isto busca soluções completas com responsabilidade social e ambiental.



'Esquenta 2'
Acrílica sobre tela
50x100 cm
2019



'Esfria'
Acrílica sobre tela
50x80 cm
2019

Raphael Sagarra (Finok)

O seu trabalho evolui das formas tipográficas realizadas geralmente ilegalmente, para uma linguagem visual única que faz uso de personagens simples, gradientes lineares multicolores e padrões geométricos que oferecem uma reinterpretação singular de formas vernáculas, crenças e imagética popular do Brasil, compondo uma narrativa pessoal imbuída de rebeldia, encanto e espiritualidade.

Através da releitura de elementos visuais incorporados à subculturas como as pipas, balões de fogo, que são proibidos no Brasil, o artista discute a relação entre a marginalidade, ilegalidade, e valores sociais, ressignificando e trazendo valor a elementos que são desvalorizados.

Em suas pinturas produz imagens figurativas, com elementos populares, conceituais, religiosas, as misturando com formas geométricas e padrões que trazem influências indígenas, carregando um significado contemporâneo ligado a fronteiras e prisões.

Com cores extremamente vibrantes e luminosas, outras vezes cores apagadas e fortes, suas obras tomam impulso através de uma pesquisa profunda, atos ilegais praticados por ele mesmo nas ruas, na qual lhe interessa o desafio, a quebra das regras, a anarquia, transportando para a pintura, o sofismo, dando novos significados a figuras e objetos, onde a poética conecta situações do passado, com o presente.

A pintura constitui o seu campo maior de produção, mas elementos como a escultura surgem trazendo uma tridimensionalidade, onde dialogam com questões voltadas à miscigenação, e escravidão contemporânea, mesclando tons e diferentes tipos de madeira, sendo esses materiais ligados simbolicamente à história cultural, religiosa e popular brasileira, surgindo figuras que têm referências de ex votos, com significados invertidos e modificados da interpretação original.

Seus trabalhos mais recentes trazem referências voltadas para a arquitetura popular, inscrições feitas por moradores de rua e usuários de drogas, nos direcionando a perguntas sem respostas, com um trabalho provocativo e irônico.



Detalhe da instalação 'Pedacos', 2017

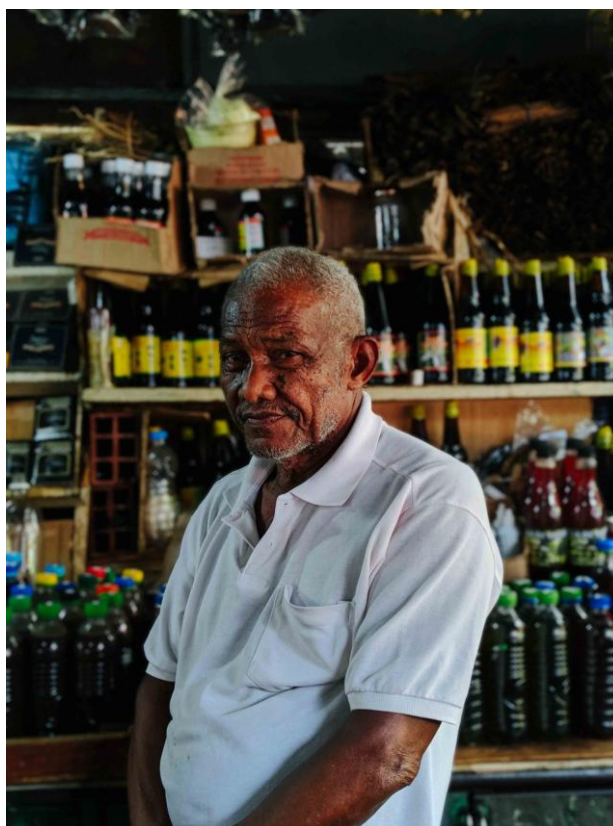


'Pedacos'

Tinta acrílica, bambu e linha sobre MDF cortado
80 x 200 cm
2017

Roberval Borges

Roberval Borges graduando em Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), produtor cultural e artista visual. Foi coautor na pesquisa de campo “Hortas Comunitárias de Teresina” através do Grupo de Pesquisa e Produção Artística – GOPPA. Participou com autoria com a série “O Suicidário” nas exposições Provoações. Mostra Estudantil de Artes Visuais Bienal da UNE, Fortaleza (2017); Exposição de Arte Alternativa Piauiense. Casa da Cultura, Teresina (2017). Realizou como diretor do trabalho de audiovisual “CURA: Ressignificando Memórias”. Desenvolve diversas atividades ligadas a pesquisa, produção artística e cultural. Em Depois da Feira, propõe uma aproximação da feira em suas formas sociais e estéticas, por meio de suas experiências visuais. Tendo como o Mercado Velho de Teresina, um ponto de encontro que singulariza o espaço e amplia as questões referentes às identidades e alteridades a partir das redes de relações entre os feirantes.



Série Mercado Velho
Fotografia
2018/2019



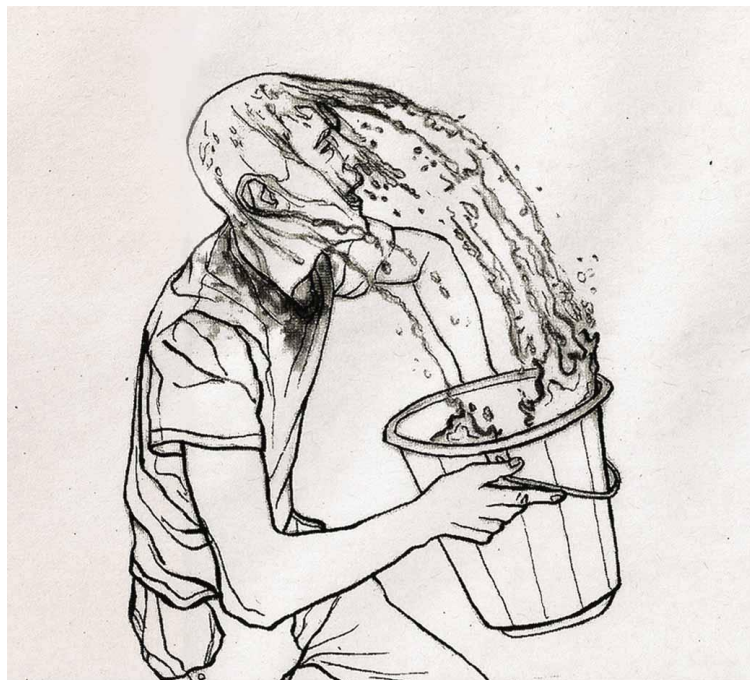
Série Mercado Velho
Fotografia
2018/2019

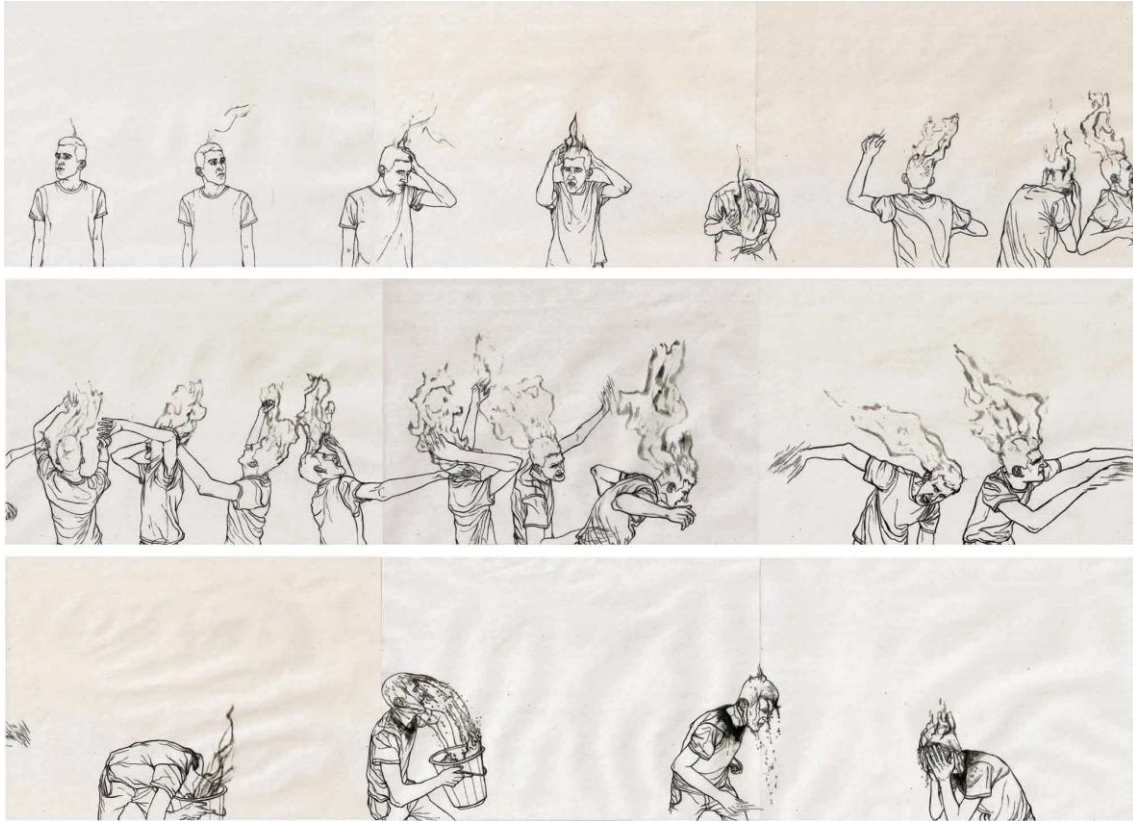


TANGERINA BRUNO

Letícia e Cirillo são irmãos gêmeos e trabalham a quatro mãos e duas cabeças, da concepção à execução. Assinam com o seu sobrenome, Tangerina Bruno. Vivem e trabalham em Porto Ferreira - SP.

Dentre as participações em exposições, destacam-se coletivas em instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte de Ribeirão Preto, no espaço Auroras em São Paulo, a Mostra de Artes da Juventude (Sesc Ribeirão Preto) e salões como o Novíssimos no Rio de Janeiro, o 50º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba e o 25º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande. Tem obras no acervo do MAM/RJ.





'Sem título'
Impressão sobre papel jornal
243x19 cm
2018

Museu do Piauí



©Margareth Leite

HISTÓRICO

O Museu do Piauí – Casa de Odilon Nunes, MUP, é uma entidade integrante da Secretaria de Estado de Cultura do Piauí - SECULT, tem como objetivo preservar o patrimônio histórico do estado e do país, e testemunhar o perfil cultural de um povo. Surgiu inicialmente como uma seção do Arquivo Público, em 1934, sob a orientação do Prof. Anísio Brito.

Criado formalmente em março de 1941, através do Decreto Lei Nº 355. Em 1980, recebeu sede própria no casarão da Praça Marechal Deodoro da Fonseca – centro, após restauração financiada pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República e organização pela Fundação Joaquim Nabuco, na gestão do então secretário de cultura Prof. Wilson de Andrade Brandão. Em 09 de novembro de 1992, foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual, pela Lei Nº 4515, e em 10 de outubro de 1999 foi rebatizado de Casa de Odilon Nunes, em homenagem ao historiador piauiense, quando da passagem do centenário de seu nascimento, por meio da Lei Estadual Nº 5086 de 30 / 09 / 1999. No período de 2004/2005, o Museu passou por novas reformas e projetos, Restauração do Museu do Piauí (Convênio MINC/Associação dos Amigos do Museu do Piauí / Governo do Estado do Piauí), e Modernização do Museu do Piauí (Convênio IPHAN/Fundação Cultural do Piauí - FUNDAC).



©Margareth Leite

No período 2016/2017, o Palácio sede do Museu, passou por intervenções importantes na sua estrutura física, hidráulica e elétrica, bem como pela execução de um importante projeto museográfico do arquiteto Paulo Castello Branco de Vasconcellos Filho aprovado pelo Sistema Estadual de Incentivo à Cultura – SIEC, que culminou com a criação de novas salas voltadas para a cultura indígena e cultura afro, entre outros espaços de relevância para preservação da memória do povo piauiense, na gestão do Secretário de Cultura Fábio Núñez Novo.

O palácio, sede do Museu do Piauí, tem sua construção ligada à própria história da fundação de Teresina, quando da mudança da capital do Piauí, de Oeiras para Teresina, foram oferecidos benefícios pelo governo da província, aos fazendeiros ricos que quisessem construir com a finalidade consolidar a nova capital.

O ponto de origem foi à Igreja do Amparo, tendo sido iniciado sua construção mesmo antes da transferência da capital. Foi a partir da igreja que foram demarcados os limites da cidade, e foi no entorno da praça que surgiu em frente a ela, que foram edificadas as primeiras residências.



©Margareth Leite

O prédio do Museu do Piauí foi uma dessas residências, tendo sua construção datada do ano de 1859, pelo Comendador Jacob Manoel de Almendra, a quem foi cedido a maioria dos terrenos da parte norte da praça. A partir de 1873, passaria a abrigar a sede do governo da província, tendo sido alugado para esse fim. O Governo do Piauí, desde a fundação de Teresina, por não possuir prédio próprio, funcionava em edifícios cedidos ou alugados por particulares. Só no governo de Arlindo Nogueira (1900/1904) é que foi comprado de D^a Lina Leonor de Almendra Freitas, continuando a ser Palácio do Executivo até 1925. Entre 1926 e 1975 funcionou o Tribunal de Justiça do Estado. Em 1980, após a restauração, passa a exercer a função de museu. Embora construído no séc. XIX, é um edifício de características neoclássicas, que marca pela beleza de suas linhas sóbrias.

O Museu do Piauí possui um acervo eclético, com perfil histórico, que se constitui aproximadamente de 7.000 (Sete mil) peças, coleções de grande qualidade, peças pré-históricas (peixes e tronco fossilizados), louças da Companhia das Índias, porcelanas chinesas e inglesas, mobiliário, quadros dos séculos XIX (Victor Meirelles, Lucílio de Albuquerque e Iole), imaginárias, obras importantes de arte contemporânea de renomados artistas piauienses (Afrânio Castelo Branco, Pindaro Castelo Branco, Liz Medeiros, Nonato Oliveira, Gabriel Archanjo, Hostyano Machado, Amaral, Dalva Santana, Josefina Gonçalves, Dora Parentes, dentre outros), cédulas, moedas, medalhas, indumentárias da guarda nacional, machados primitivos, urna funerária, arcos, flechas, artesanato piauiense, entre outras peças de relevância para nossa história.

Dora Medeiros
(Diretora do Museu do Piauí)

Sobre o curador:



Denilson Conceição Santana

É historiador, professor e curador brasileiro. Possui Pós-graduação em 'Docência no ensino superior'. Ganhou prêmio 'Artista universitário baiano' em 2004. Fez residência artística na UnB em 2008. Escritor com pesquisas, catálogos, encadernações e livros importantes na área de história, filosofia e arte contemporânea, dentre eles:

- 'A rainha do recôncavo, História do engenho do conde';
- 'Notes of contemporary art';
- 'Curadoria e docência no ensino superior';
- 'O pós-mídia, Ilusão e pertença na arte contemporânea';
- 'A arte pós-moderna, Da semiótica ao uso da história';
- 'Arte Contemporânea no Século XXI, O primeiro decênio'.

Suas pesquisas giram em torno de temas como História, Crítica da Arte, Artes Visuais, cultura e tecnologia.

Realizou curadorias e exposições em universidades, museus, centros de cultura e espaços não institucionalizados dentro e fora do país como: UFRB, UEFS, UNB, UFG, UNEB, UFBA, UESC e UFRJ.

Atuou como Assistente/coordenador do Teatro Dona Cano em Santo Amaro da Purificação entre 2014 e 2018. Idealizador da Bienal do Sertão de Artes Visuais. Atualmente exerce trabalho voluntário e social no Brasil.

Bienal do Sertão de Artes Visuais

Criado em 2012, a **Bienal do Sertão de Artes Visuais** logo se tornou um importante evento de reflexão e entusiasmo pela valorização deste espaço geográfico tão proeminente e forte de solo brasileiro e que andava carente de tal afirmação como valor cultural e avantajadas possibilidades artísticas.

Como uma instituição sem fins lucrativos, que tem como meta a participação unânime de artistas de todas as localidades e nações, e da população em geral (produtores, público leigo, interessados, estudantes, estudiosos, etc.), na interação das obras com a monitoria e nas rodas de conversas com os artistas, sua missão é desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade, além de acesso livre à cultura e à arte a milhares de pessoas, de forma gratuita.

Com a ênfase nas ações educativas e os seguintes princípios norteadores: foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores; contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico; transparência na gestão e em todas as suas ações; prioridade de investimento em educação e consolidação da Bienal como referência nos campos da arte, da educação e pesquisa nessas áreas.

Os objetivos da Bienal são:

- *Promover a criação, divulgação, difusão e propostas de obras de arte e projetos curatoriais na/para a região do Sertão Brasileiro.
- *Construir uma plataforma para artistas e curadores de propostas criativas e inovadoras emergentes no campo das artes visuais.
- *Facilitar o diálogo, o intercâmbio e a discussão crítica das práticas artísticas atuais, como o emparelhamento regional, global, seus desafios e oportunidades assim como seu compromisso educacional.
- *Divulgar os resultados, experiências e conclusões da Bienal no Brasil e no exterior.
- *Promover a notoriedade da marca da "Bienal do Sertão", através da difusão das artes contemporâneas e do apoio ao empreendedorismo criativo.

O comissariado da Bienal atua de forma voluntária e colaborativa com a inserção de apoiadores e artistas vinculados com a responsabilidade de reposicionar noções de curiosidade, criatividade e invenção.

IV Bienal do Sertão de Artes Visuais

01 a 31 de out
MUSEU DO PIAUÍ

Alex Melo, Anais Karenin, Audrian Cassanelli, Avelar Amorim, Bia Monteiro, Bravo, Carlos França, Coletivo Huma, Cristiane Mohallem, Edilson Parra, Elias Rodrigues de Oliveira, Erly Emílio Almanza Torres, Grão: Gabriela Sá e Ícaro Moreno, Higo Joseph, Isabella Beneduci Assad, Ísis, Jussara Marangoni, Leandro Peregre, Lidhia SemH, Lynn Court, Luiz Barroso, Mariana Araujo Silva, Marina Woisky, Natalie Mirêdia, Pedro Vidal, Raphael Sagarra, Roberval Borges, Tangerina Bruno. Curadoria: Denilson C. Santana

Visitação: Terça à Sexta de 08h às 17:30h,
aos sábados e domingos de 08h às 12h.

End.: Praça Marc. Deodoro da Fonseca, Centro. Teresina - PI
Agendamentos: (86) 999814838 ou (75) 982972546

Instituição convidada:



Realização:



www.bienaldosertao.wixsite.com

Apoio:

CULTURA
Secretaria de Estado da
Cultura do Piauí / SECULT



<https://bienaldosertao.wixsite.com/bienaldosertao>